

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS
8 de Outubro de 2024**

MADINA BOÉ / 1969

Realização: José Massip *Produção:* Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (Cuba, 1969) *Cópia:* Archivo Audiovisivo del Movimiento Operario e Democrático, ficheiro digital (a partir de original em película), preto-e-branco, versão original falada em castelhano, português, línguas indígenas com legendas em italiano e legendas electrónicas em português, 37 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* : 24 de Outubro de 2016 (“A Cinemateca com o DocLisboa – Por um Cinema Impossível: Documentário e Vanguarda em Cuba”).

NOTA

***Madina Boé* é apresentado com *Portogallo: Paese Tranquillo (1969)* e *Dieci Giorni con I Guerriglieri del Mozambico Libero (1972)* (“folha” distribuída em separado). O texto desta “folha” adapta versões anteriores escritas em contextos de programação diferentes.**

Repetir que as histórias estão todas contadas é o que é. Uma frase feita. Com a qual muitas pessoas cresceram como devendo ser tomada por verdade absoluta. O preâmbulo serviria para começar um texto sobre a segunda longa-metragem de ficção do cineasta americano que construiu a sua obra no cinema documental, Frederick Wiseman: *Um Casal* (2022) funde a vitalidade da natureza com uma interpretação de Nathalie Boutefeu no papel a solo de Sophia Tolstaya, adaptando escritos dos diários e cartas da mulher de Lev Tólstói que, dando-lhe voz a ela, trazem à superfície uma face dissonante da personalidade do escritor russo em trinta e seis intensos anos de vida em comum. Podia também servir – outro mero exemplo – uma dissertação sobre um encontro de escritoras em Maio de 2024, em Lisboa, no *Felicidade – Festival da Língua e da Liberdade na Cidade*, promovido pelo CCB pelos 50 Anos passados sobre Abril de 1974: Gisela Casimiro, Tatiana Salem Levy e Dulce Maria Cardoso participaram numa mesa à volta das “Insubmissas lágrimas de mulheres” concordando nesse ponto. Também artista-activista luso-guineense, Gisela Casimiro lembrou nessa ocasião que se vê como uma contadora de histórias ciente da necessidade de cada qual em ampliar a voz dos outros. Parte do debate do século XXI passa por aqui.

É porventura uma questão latente no programa da sessão com *Madina Boé* a evocar uma filmografia de luta pela libertação de Guiné-Bissau que acompanhou os esforços de Amílcar Cabral em prol da consciência dessa luta e da sua construção como acto de afirmação de um povo. Essa filmografia, que remonta a 1964, 65, datas de *Lala Quema* e *A Nossa Terra*, de Mario Marret, prosseguiu com títulos como *Labanta Negro* de Piero Nelli (1966).

Produzido pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, *Madina Boé* regista, por sua vez, a crua violência de um traumático episódio da guerra em Madina, no Boé, bem como a educação política dos combatentes ou técnicas de guerrilha, integrando uma rara entrevista de Amílcar Cabral. Denunciando o elemento explorador – notou Francisco Valente por ocasião de uma projecção de 2016, na Cinemateca –, o filme realizado pelo cubano José Massip apresenta a narrativa do explorado num momento de re-começo da história do país a partir do território a que vai buscar o nome. É, aliás, pela referência precisa do território e das suas características que se começa, em direcção ao coração dessas outras trevas. Logo dando, no entanto, sinal de claridade na narração *off* de tom espanhol: “um dia irrigaremos Boé e Boé terá uma agricultura florescente [...]”. Não era ainda o tempo: “Na aldeia de Madina, no centro de Boé, o inimigo tem uma base poderosa. Atacamos essa base para que o inimigo não respire em paz, se vá embora para sempre e nos deixe o nosso país que é apenas nosso.”

Maria João Madeira